Primeiras Palavras...

As regras, os muros, as câmeras de segurança, os sensores de movimento, as cercas elétricas, os horários, os regulamentos, a disciplina, as hierarquias, a maioria sob o controle de poucxs, a pouca luz, esta pode ser a descrição vaga de um cárcere qualquer, em qualquer parte do mundo.

E isto é a descrição de uma prisão, mas pode por sua vez, sem muitas diferenças, ser a descrição de uma escola, de uma universidade ou de um hospital, encaixaria perfeitamente com um retrato de qualquer manicômio ou de inumeráveis fábricas, com milhares de lugares de "trabalho", poderia ser a pauta de segurança dos prédios elegantes da cidade e teria seu correspondente artesanal e de escassos recursos nas grades de pau e de arame farpado que fecham as casinhas da periferia.

São escassos ou inexistentes, os lugares públicos ou privados que escapem da lógica da segurança e do controle, é que a sociedade contemporânea tem se levantado com o horrendo, espetacular e sutil reflexo do cárcere. Por todas as partes estão xs presxs da produção e do consumo, capturadxs por suas próprias rotinas, sua própria indiferença, acorrentadxs a suas próprias ilusões de liberdade, perambulam por este simulacro que chamam de "vida" e acreditam que são livres porque estão fora dos muros disto que elxs conhecem como cárcere, porque podem escolher seus governantes e podem sentir-se permanentemente insatisfeitxs, porque tem direitos a anestesiarem-se com tvs, drogas, festas, férias planejadas, etc. Para suportarem o ritmo delirante e doente da cidade, do progresso, para suportar o estresse da superpopulação urbana e todas as prisões mentais que xs asfixiam sem que consigam vê-las.

Mas a este projeto de dominação global, a esta realidade de autoridade e controle permanente e onipresente, hoje como sempre seguem se opondo os corações indomáveis, vontades e espíritos rebeldes que resistem aos golpes do poder e que continuam dando guerra a todas as formas de dominação que, não aceitaram, não aceitam nem aceitarão jamais viver como presxs e escravxs.

Hoje xs insubmissxs, xs inadaptadxs, xs rebeldes, xs anarquistas, xs irredutivéis, xs selvagens, xs putxs, xs insurgentes e subversivxs, seguimos sem aceitar seu mundo podre, seguimos sem aceitar o que nos apresentam como normal, como bom e sensato. Hoje como sempre o desprezo a sua sociedade, a sua civilização segue correndo por nossa veias, hoje como sempre seguimos conspirando para derrubar seus quartéis, seus palácios, seus cárceres, suas cidades. Hoje, como sempre, guerreirxs de todas partes com seus atos, fazem (fazemos) evidente uma guerra até a morte, contra uma sociedade profundamente doente.

Acreditamos que o cárcere é uma parte e por sua vez um todo desse mundo que tanto desprezamos, é o reflexo do modo de vida que nos querem impor e a ameaça com que pretendem nos fazer boas/bons cidadãs/cidadãos, é o lugar que trancam xs irmãs/irmãos que sentem, pensam e atuam similarmente a como nós fazemos. É por isso que nos juntamos, conversamos e publicamos nossas iniciativas, nossos questionamentos. É a tinta uma das tantas formas que adotam nossa solidariedade, para informar, compartilhar, difundir as situações que vivem presxs em guerra (políticxs, anarquistas, rebeldes) em qualquer parte do mundo.

Nos propomos a gerar uma solidariedade ativa e rebelde com xs companheirxs sequestradxs pela autoridade, manter viva uma agitação permanente e não reproduzir o isolamento e aniquilação social e moral que pretende o estado sobre elxs. Hoje seguimos empurrando a história de luta contra este mundo e de cumplicidade com xs prisioneirxs e encarceradxs.

Kataclismx não pretende ser só uma publicação, é o desejo de catástrofe, é a ardente cumplicidade pelo colapso desta sociedade, de seus costumes, de seus valores e estruturas. Kataclismx é o transbordamento da natureza, é a força indômita da liberdade rompendo o cimento com que quiseram cobrí-la. Kataclismx é a permanente ameaça ao progresso totalitário da ordem e do controle.

Pela destruição de todas prisões e da sociedade que as necessita!!!

kataclismx@riseup.net

A luta pela Anarkia no olho de um Furacão, em um Porto Nada Alegre...

Palavras sobre repressão, memória e revolta

A onda de repressão que se intensifica desde os acontecimentos de junho de 2013, anuncia novas investidas contra xs que hoje tomam posições contrárias a atual ordem das coisas, dentro da guerra social. Em junho floresceu o caos, o descontrole, atingindo contundentemente a coluna vertebral do poder, nenhuma autoridade foi respeitada, o ódio acumulado foi extravasado, as ruas falaram. A agitação surgida naqueles dias não se silenciou ou se acalmou, mas se acentuou, pelas mil formas possíveis de se lutar, em diferentes intensidades, por diferentes lugares. A força destrutiva também pulsa criação, novas construções, vontade de se encontrar, de afiar cumplicidades, alimentar redes de solidariedade. Desde junho a anarkia tem brotado em novos corações, a marcante presença de práticas anti-autoritárias durante os protestos chegou ao ponto de tornar-se referência prática para muitxs jovens, que de uma ou outra maneira já experimentavam o rechaço a autoridade em suas próprias vidas. É marcante como a cidade de Porto Alegre se coloriu ainda mais depois daquelas jornadas, nunca, pelo menos nos últimos anos, as paredes gritaram tantas ofensas as autoridades como desde então.

Saber quem somos é saber de onde viemos, seria tolo reproduzir o discurso de que tais processos surgiram magicamente em junho, como um fenômeno isolado historicamente, é evidente que a partir da transição para a democracia, um refinado trabalho de adormecimento foi realizado pelo poder, criando pouco a pouco uma cultura de apatia, mas mesmo ao longo deste período nunca deixaram de existir ciclos de luta. A forte acentuação do conflito que aconteceu a partir de junho não caiu do céu como um milagre, mas foi resultado de uma trajetória de lutas que veio se gerando nas duas últimas décadas, em que os distúrbios de rua estiveram presentes.

Práticas sinalizadas pelo poder como recentes e vazias, como a aparição do Bloco Negro, na realidade já se repetiram em diferentes ocasiões pelas ruas de Porto Alegre: Nos protestos contra a comemoração dos 500 anos, no ano 2000, onde o relógio da rede globo/RBS foi atacado com pedras e coquetéis molotov, nos distúrbios em torno ao Fórum $ocial Mundial (2001,2002,2003 e 2005), onde caras mascaradas e bandeiras negras apareceram, atacando símbolos do Estado/Capital e entrando em conflito direto com forças policiais e bandos de fascistas. Se agora citamos isso, é para mostrar que há uma presença histórica nesta cidade de determinados tipos de práticas, e que invalidá-las com intenção de promover uma visão de luta puramente social é cair numa anulação da memória, já que essas práticas sim, são violentas mas jamais vazias de conteúdo, há um sentido prático de enfrentamento direto a autoridade, ao monopólio da violência nas mãos das forças de segurança do Estado, um sentido que se transmite através da memória e da criação de culturas de luta.

A repressão e a acentuação da mesma são consequências diretas do conflito, quando aumenta a intensidade da luta, aumenta a intensidade da repressão. Mas também seria tolo pensar na repressão como algo isolado historicamente, se a luta tem memória a repressão tem arquivos. Inquisidorxs como o Delegado Jardim, que hoje é um dxs protagonistas de investidas repressivas, já tem em suas costas um histórico de repressão a individualidades anárkikas. Jardim foi quem em princípios de 2005 comandou uma espetacular batida policial na okupa anarkista/punk Squatt Teimosia, no bairro Bom Fim, durante o Fórum Social Mundial, com policiais do GOEe Denarc encapuzadxs e fortemente armadxs, além de cobertura da mídia mundial, deteve a 40 companheirxs, supostamente com o objetivo de impedir o conflito que se estava dando nas ruas entre punks e skinheads.Também em diferentes edições do Fórum Social, houveram detenções de companheirxs anarkistas em consequência dos distúrbios. É fato que a polícia por diversas vezes demonstra estupidez e despreparo ao momento de agir contra e repreender a individuos que atuam segundo mecanismos em que, mentes domesticadas a mandar e obedecer, se demonstram incapazes de entender com profundidade. Por outro lado isso não significa que essa repressão não exista de maneira organizada ao longo da história.

Essa incapacidade demonstra-se desesperada, nos ataques repressivos que passam a acontecer a partir de junho, onde uma onda de caos sem qualquer liderança ou direcionamento centralizado varreu as ruas, sem uma estrutura que caiba até mesmo aos modelos de acusação do Estado. Diante disso o que o Estado passa a buscar é inserir os acontecimentos dentro de sua lógica, organizada e autoritária, criando assim uma organização "criminosa" fantasma que gestionaria os destroços e os saques, durante os protestos. Prática amplamente difundida e utilizada para reprimir todo tipo de movimentação subversiva a partir do período das

das ditaduras militares latino-americanas dos anos 60/70/80 (o Plano Condor): as montagens. Essa prática, que inclusive foi ensinada nas "Escolas de Guerra" dos milicos, consiste na criação de organizações fantasmas e acontecimentos falsos como "provas" para justificarem prisões e assassinatos, que as vezes acontecem transgredindo as mesmas leis do poder. Isso amparado na atomizante propaganda midiática, que espetaculariza a repressão e cria a "opinião pública" necessária para tornarem tais atos abusivos, legítimos e com ares democráticos.

A investigação realizada por Marco Antônio Duarte de Souza, titular do Departamento de Polícia Metropolitana, da Polícia Civil, que se iniciam em junho, seguindo com batidas e detenções em outubro, se focam principalmente na busca por tornar material uma suposta organização que haveria protagonizado os distúrbios nas manifestações desde junho. Num golpe absurdo e descarado tal investigação culminou no indiciamento de 7 pessoas no dia14/03/2014 dessas 7 pessoas, 6 eram integrantes do Bloco de Lutas pelo Transporte Público, apoiando-se em absurdos, sem qualquer prova concreta, cria toda uma estrutura hierárquica onde insere essas pessoas cumprindo diferentes papéis dentro desta hierarquia. Acusando-xs formalmente de "Formação de Milícia Privada", as acusações, as "provas" e a maneira como a mentira é estruturada são um espetáculo patético, uma demonstração gritante da incapacidade policial no momento de encarar um inimigx, ao qual não compreende suas estruturas.

De qualquer forma é importante salientar que xs que dizem lutar também se fazem consequentes de suas lutas, ou seja em palavras curtas: sofrerão as consequências pelas formas que buscam se mover. A figura dx organizadora/or, o ícone que, a cara limpa tenta direcionar a massa, assume um papel que cabe muito bem dentro da lógica que o poder busca inserir à luta, ao momento de criar suas montagens, pois necessita de rostos para uma guerra que não os tem. A repressão e suas possíveis consequências duras não podem ser esquecidas jamais, por isso a necessidade de acender a chama da memória, pois a experiência de tantxs rebeldes que sofreram em suas peles a prisão, a morte, a clandestinidade, são também aprendizado para nutrirmos nossas próprias vidas. É importante, é fundamental que criemos uma cultura de segurança, que cuidemos umxs as/aos outrxs, que cuidemos nossas comunicações, o Grande Irmão nos observa por todo lado, a tecnologia não é neutra, o Facebook não é um meio de comunicação autônomo/alternativo, a luta requer malícia e malandragem.

Também não podemos silenciar a crítica que temos ao Bloco de Lutas e a luta pelo transporte público em si. Sem se extender muito, acreditamos na anarkia como libertação total, liberdade absoluta e não podemos sobrepor o bem-estar humano ao bem-estar da Terra e da vida em geral, queremos lutar por mais ar em nossos pulmões e não para nos intoxicarmos com mais fumaça, vivemos na era do colapso e não podemos adiar nem um segundo a luta para frear um progresso que está arruinando com toda a vida selvagem e verdadeiramente livre, lutar pela manutenção da cidade, e dos mecanismos que a compõe é lutar pelo avanço de uma lógica que em poucos anos pode exterminar por completo a vida na Terra, pra muito além de tendências anarquistas e teorias políticas, são fatos latentes que nos levam a tomar essas conclusões e a escolher pelos caminhos de luta que escolhemos, pela Terra é nossa luta, por sua harmonia caótica, que chamamos de anarkia.

Reconhecemos que essa organização foi a propulsora de momentos de revolta nas ruas dessa cidade, mas também podemos perceber que o que fica de mais precioso criado por esse tipo de coordenação formal são os inúmeros ciclos de relações informais, relações que se criam ao calor dos momentos de batalha e que inúmeras vezes estão fundamentadas em uma rebeldia sincera e de enorme valor, acreditamos que essa consciência causada por essas sensações é possível de transbordar os limites impostos pela própria organização. Muitas vezes as reivindicações por reformas podem transbordar, proporcionando momentos de revolta intensa, verdadeiras insurreições, muitas vezes também essas mesmas reivindicações ao serem atendidas pelo Estado, são o que abafam o clima de rebelião. Exemplos pra ilustrar isso temos muitos, como a Greve Geral de 1917, a maior revolta de forte presença anarquista na história do Brasil, antes de junho de 2013. Barricadas ardendo pelas ruas, bondes sendo incendiados, diversas necessidades sendo auto-gestionadas, a polícia impedida de acessar vários bairros, em São Paulo o governo da cidade chegou a bater em retirada. Não foi a repressão propriamente dita o que deteve esse momento, mas foi o Estado que atendeu as reivindicações dxs grevistas, pouco a pouco restaurando a normalidade.

Reconhecemos com o estômago embrulhado, também a postura cidadã e ordeira que muitas vezes é assumida por integrantes desse grupo, mas pra além disso, reconhecemos nisso um problema que aparece em consequência da própria luta por uma manutenção da cidade e pelo diálogo com a sociedade que a necessita. Uma sociedade comandada por opressorxs e feita funcionar por oprimidxs, cidadãs/cidadãos, sem vítimas, mas cada qual cumprindo seu papel. A busca pela reforma da cidade é também a necessidade de preservar suas estruturas e seus papéis. Quando grupos de guerreirxs buscam atacar os símbolos do poder estão buscando destruir essas estruturas, uma ruptura feroz com uma simbologia que é carregada de significado e valores contrários a uma existência em liberdade.

Quando, no dia 23 de Janeiro de 2014, em diversos momentos companheirxs encapuzadxs foram coagidxs por integrantes do Bloco de Lutas, inclusive ditxs anarquistas, só pudemos observar atos de indignidade, a lógica da repressão reproduzida por quem diz estar contra ela. A diversidade se respeita, a infâmia não se tolera, não há justificativas para quem diz lutar contra o

Estado assumir posturas policialescas como as que se viram esse dia, onde companheirxs foram agredidxs, acusadxs de infiltradxs, denunciadxs pelo megafone, onde também as vidraças dos bancos eram defendidas por "haverem sido colocadas por trabalhadorxs". Que miserável! Acaso se esqueceram que são trabalhadorxs xs que erguem os presídios, as fábricas, as escolas, os manicômios? Acaso se esqueceram que o policial, o carcereiro e o repórter também são trabalhadorxs e isso não faz delxs menos inimigxs? Chegaram ao cúmulo de defender a Igreja Universal, no momento que diversxs manifestantes escreviam coisas em suas paredes e arremessavam objetos dentro dela. Será que não tem sangue nas veias? Como podem se considerar rebeldes e conter um ato tão bonito de florescente rebeldia? As opiniões cruas muitas vezes machucam, mas não temos a intenção de nos calarmos já que o silêncio muitas vezes esconde conivência, os atos falam, o tempo passa e aprendemos a reconhecer a nossxs companheirxs e também a nossxs inimigxs. Já dizia um velho panfleto, a luta é contra o existente, suas/seus defensorxs e falsxs críticxs.

Também gostaríamos de compartilhar a reflexão que fazemos sobre o crime, sobre a "criminalização" e este discurso que muitas vezes parece implorar para que ela não aconteça. Quando queremos destruir esse mundo de misérias, não podemos esperar outra coisa que sermos atacadxs pelxs que querem defendê-lo, em nossa existência tudo passa a ser um crime a partir do momento que escolhemos pela VIDA e não pela sobrevivência, a partir do momento que tornamos nossos corpos territórios autônomos, para isso nos enfrentamos a uma normalidade criminalizante: nossos partos em casa e nossos abortos são delitos, nossos centros sociais são invadidos, nossa sexualidade é hostilizada, nossos desejos ridicularizados, na cidade cada vez mais higienizada até mesmo reciclar o lixo é criminalizado. Se o crime é assumir a aventura de viver uma vida intensa, o que fazer senão reivindicar esse bandolerismo? Já é hora que xs rebeldes não só se aceitem como criminosxs mas reivindiquem essa magia expropriadora.

Não adianta o poder buscar responsáveis por determinadas formas e práticas, os distúrbios e as depredações também falam por si, também são atos de propaganda que se tornam parte de um histórico de combate, de uma memória insurgente, permeia o imaginário das ruas, alimentam os ambientes que buscam se livrar da autoridade, que buscam se contrapor ao poder. Também é uma transmissão oral entre xs rebeldes o que acentua a criação de formas para enfrentar os momentos de repressão, é a solidariedade se transmitindo com práticas efetivas que alimentem o mais importante no momento de enfrentar a repressão, que a luta não decaia, que o medo, a paranóia e o Terror disseminados pelo Estado no momento de atacar suas/seus inimigxs não surtam o efeito buscado .

Hoje não lembramos de nossxs mortxs, hoje SOMOS nossxs mortos, somos a juventude de Nicolas e Alexis, as pistolas de Stefan, Pablo, Alexander e Feodor, o buquê de flores de Espertirina, os escritos do Samuel, a mochila do Punky Mauri, a rima de Sebastian Overluij, as poesias do Urubu, a impaciência da Fanya, a vida nômade de Oiran Formiga, a agitação de Frederike Kniested1 ...

Há tempos nossas vidas foram roubadas, já é pouco tempo para que as recuperemos, mesmo que isso signifique um encontro maldito com o Nada, hoje sabemos que não há derrota maior que viver como uma engrenagem nesta máquina, hoje sabemos que é muito possível que nunca ganhemos, mas nunca estaremos derrotadxs, já que fomos nós xs que escolhemos os passos que daremos por nossos próprios caminhos.

Sempre com xs rebeldes:
Amor, Solidariedade e Tormenta!

1 Nicolas foi um anarquista de 15 anos, assassinado pelo esquadrão anti-distúrbios (SMAD) durante a manifestação do 1° de maio de 2005 em Bogota, Colômbia, Alexis Grigoroupolos foi um anarquista de 15 anos assassinado pela polícia no dia 6 de Dezembro de 2008,no bairro de Exsarshia, em Atenas na Grécia, o que culminou com a insureição que aconteceu por lá em dezembro de 2008.
Stefan, Pablo, Alexander e Feodor são xs anarquistas russos que em 5 de Setembro de 1911 assaltaram uma joalheria, no centro de Porto Alegre, o que terminou com a morte de um funcionário e a valente fuga dxs anarquistas, que foram emboscados pela polícia em meio a uma região pantanosa e assassinados.
Espertirina, foi uma jovem anarquista que em janeiro de 1917, meses antes da greve geral, em Porto Alegre, então com 16 anos, levava um buquê de flores com uma bomba, que foi arremessado a uma tropa da cavalaria da Brigada Militar matando metade da tropa, quando vinham a reprimir o funeral de um operário assassinado durante as agitações da época.
Samuel Eggers, companheiro anarquista que vivia na cidade de Porto Alegre, viveu intensamente as agitações de junho de 2013, demonstrando em seus escritos um bonito aprendizado e processo de radicalização, assassinado em agosto do mesmo ano, em condições "misteriosas", muito provavelmente por inimigxs, na cidade de Caxias do Sul, justamente pouquíssimo tempo depois de ter se identificado abertamente como anarquista em um congresso de psicologia e movimentos sociais.
Mauricio Morales, o punky Mauri foi um companheiro anarquista morto com a repentina explosão da bomba que ia colocar na escola de carcereiros, na madrugada do dia 22 de maio de 2009 em Santiago, no Chile.
Sebastian Overluij Seguel, o "pelado Angry", companheiro que cai morto num tentativa de expropriação a um banco, em dezembro de 2013, pelas mãos do bastardo segurança do banco, o companheiro levava o projeto de Rap anárquico "Palabras en Conflicto" .
Urubu, Sergio Terenzi, companheiro agitado, levou adiante muitos projetos, deixou lindas poesias das quais a mais bonita foi sua própria vida, caiu morto em uma tentativa de expropriação a um comércio em meados de 1996, em Buenos Aires, Argentina.
Fanya Kaplan, foi uma companheira anarquista russa condenada a morte após arremeter contra o líder soviético, Lenin, com uns quantos balaços.
Oiran Formiga, foi um companheiro anarco-punk de Natal-RN, assassinado por um automóvel quando viajava de bicicleta junto a outrx compa, em outubro de 2009 .
Frederike Kniested, incansável agitador anarquista e anti-nazista, nascido na Alemanha, chegou a Porto Alegre em plenas agitações de 1917, onde viveu por mais de 30 anos, morrendo em circunstâncias qua nunca foram bem elucidadas, deixou uma autobiografia, editada com o nome de "Memórias de um Imigrante Anarquista", com certeza um dos mais belos relatos sobre o anarquismo na região neste período.

Rio de Janeiro, 40° (caos) graus..

Mais um ano se inicia, desta vez, com com o cheiro da maresia, vem misturado o gostinho da rebeldia...

A pegajosa tranquilidade do período de "festas" parece que vai chegando ao fim, ontém 06/02 a primeira manifestação "violenta" contra o aumento das passagens deu continuidade à insubmissão que toma conta da cidade desde junho do ano passado, e que já tinha sido puxada pelxs camelôs da Uruguaiana, região central, e pelxs moradorxs da Favela do Metrô, zona norte, em janeiro.

Sem passar por qualquer pagação de pau com "o povo" (poder ao povo? !poder?), é impossível não sentir o coração aquecido ao ver a tão limpa e higienizada cidade-para- turista- ver ser reduzida por algumas horas a cinzas, destroços e caos; desfazendo a imagem de território intocável, mesmo sendo palco de tanta miséria e opressão.

No episódio desta quinta-feira foram detidas e liberadas em seguida 28 pessoas, duas delas pelo exército (explicável talvez pelo fato da manifestação ter sido na Central do Brasil, ao lado do órgão milico Comando Militar do Leste). As informações são que ninguém foi autuado, somente tiveram seus nomes e identidades registrados, entrando no mapeamento dxs insurgentes que com certeza fazem a prefeitura, o estado e governo federal.

Do ano passado a galera que está sendo processada em liberdade responde por diversos "crimes": dano ao patrimônio público, formação de quadrilha, porte ilegal de arma branca, porte de material inflamável, corrupção de menores,incêndio, lesão corporal, tentativa de homicídio, entre outras, além das prisões feitas com base na Lei de Organização Criminosa (Lei 12.850/2013), como as de 15 de outubro de 2013, quando foram detidas quase 200 pessoas, sendo 64 maiores de idade enviadas ao Complexo Penitenciário de Gericinó (mais conhecido como Complexo de Bangu) e 20 menores de idade mantidxs reféns em diversas instituições.

As detenções na manifestação do 15 de outubro foram as que tiveram uma maior repercussão, tanto pelo número de pessoas, quanto pelo tempo que algumas delas estiveram encarceradas, numa clara tentativa de intimidação e imposição do fim dos focos de revolta, além do ridículo esforço por parte do estado em indicar líderes e mentores.

Os casos mais graves foram os de: Soledad Barbosa e Victor Ribeiro, mantidos por 15 dias encarcerados, sendo soltxs em 30/10. Estão respondendo em liberdade provisória à acusação de incêndio (art. 250 do código penal brasileiro), cujas penas variam de 3 a 6 anos de cárcere. Ainda não foram intimados, ou seja, não participaram de nenhuma audiência.

Jair Seixas, mais conhecido como Baiano, teve Habeas Corpus concedido em 19/12, e responderá por formação de bando ou quadrilha (art. 288 do código penal) – há a tentativa de colocá-lo como "cabeça" ou líder de organização criminosa.

Deve comparecer mensalmente ao juízo até o dia 10 de cada mês para informar suas atividades e mudanças de endereço. Também não poderá sair da cidade do Rio de Janeiro sem ordem judicial nem participar de atos realizados em locais públicos, em que haja reunião de pessoas, exceto em ações exclusivamente voltadas para o lazer. Possivelmente terá sua primeira audiência na próxima quarta-feira, 12/02.

Rafael Braga Vieira, detido em 12 de junho, com uma garrafa de desinfetante e outra de cloro, quando acontecia uma manifestação no centro do Rio. Foi condenado em 2/12/2013 a 5 anos e 10 meses de prisão em regime fechado,

acusado de "Posse Ou Porte Ilegal de Arma de Fogo de Uso Restrito e Outros (Art. 16 – Lei 10.826/03) ", em mais uma decisão absurda, fortemente baseada neste ponto de vista racista (Rafael é negro e vivia nas ruas) que norteia as práticas estatais e pune sempre xs mais marginalizadxs. No laudo a perícia afirmava que as "provas incriminadoras" tinham baixo potencial inflamável. Aqui http://racismoambiental.net.br/2014/02/a-unica-pessoa-condenada-pelas-jornadas-de-junho-de-2013/#more-137098 e aqui http://racismoambiental.net.br/2014/01/depoimento-de-rafael-braga-vieira-1o-condenado-dos-protestos-de-junho2013/ tem entrevistas com Rafael.

Mesmo não tendo muitas informações sobre o andamento dos processos, é importante lembrar também dos três administradores da página do black bloc no fachobook presos pela Delegacia de Repressão à Crimes de Informática, em 05/09, acusados de formação de quadrilha e incitação à violência por.... manterem uma página do black bloc do facebook... Respondem em "liberdade" depois de ficaram detidos por pouco mais de uma semana. Foi largamente divulgado o uso que fazem as forças do estado para mapear indivíduos e grupos que fazem desses canais meios de divulgação ou chamada para atos de insubmissão. Mesmo assim, ainda são muitxs xs que infelizmente ainda se expõem nesta mídia aliada dos interesse Capitai$.

Importante também lembrar do compa Leandro, que respondeu por formação de quadrilha ao ser detido em manifestação de julho no largo do Machado, zona sul do Rio; e do compa Eugênio, preso na tentativa de retomada de parte do território da Aldeia Maracanã invadida pelo estado e onde funcionava atualmente um dos escritório da concessionária Odebretch (das empresa que mais lucram com a copa). A aldeia era um espaço ocupado por diversas etnias, brutalmente invadido e desalojado pela terceira vez em 16/12. O companheiro responde em "liberdade" por furto (art.155 do código penal), já que o tal escritório prestou queixa pelo suposto desaparecimento de alguns itens.

Sabemos que são muitas as pessoas enroscadas na "justiça" por conta destes acontecimentos, mas citamos aqui os casos que tivemos mais acesso à informações ou que tiveram mais repercussão por serem mais "sérios" (mais implicação jurídica, tempo de detenção, etc.).

Anarquia, Natureza e Dinamite

Ó Natureza! Força de todos seres vivos,
só tu és verdadeira e livre.
Não oprime, não escraviza e nem tem preconceito,
e abraça firme em teu peito todos que vivem em ti com harmonia.
Em seu seio não há grades nem prisões para calar,
todos aqueles que contra esta civilização dominadora
um dia se puseram a lutar.
Assim como nós, tu está sempre em evolução,
pois para criar o novo é preciso a destruição.
Não sei quando, muitos tentam explicar,
que de ti ó mundo feral nos apartamos
pra neste modo de vida opressor hoje estarmos.
Vamos juntos lado a lado a destroçar.
Você com raios, trovões e tempestades
e nós a dinamitar.

Nesta nota mostramos a situação de isolamento extremo vivido pelxs companheirxs presxs submetidxs aos regimes especializados em castigo da civilização, estes regimes são a mostra maxima da mesquinharia legalizada.

O regime F.I.E.S

As siglas querem dizer Ficheros Internos de Especial Seguimento, este regime é um conjunto de medidas punitivas utilizadas pelos carcereiros da Espanha para incrementar ainda mais o controle e a vigilância sobre xs sequestradxs. Em palavras de Xosé Tarrio assassinado por este regime, é um cárcere dentro do cárcere. Ele tem as categorias que se aplicam com maior ou menor rigorosidade de acordo com os cargos com que se acusam xs presxs.

FIES 1, Controle Direto. Usado contra xs detidxs consideradxs conflitivxs e perigosxs dentro da mesma prisão.

FIES 2, Delinquência organizada. Contra xs condenadxs e processadxs por pertencer ou colaborar com organizações que tenham como objetivo um benefício econômico (narcotráfico, lavagem de dinheiro ou tráfico de pessoas).

FIES 3, Bandos armados. Contra todxs xs pertencentes ou vinculadxs a um bando armado, terrorista. É muito comum que xs membrxs de ETA se encontrem nesta categoria de regime.

FIES 4, Forças de segurança e funcionários. Usado com ex policiais ou ex carcereiros. Neste caso, o regime F.I.E.S. é aplicado para proteger do resto dos presxs.

FIES 5, Características Especiais. Delinquência do tipo internacional, agressões de caráter racista ou xenófobo, liderar ou integrar grupos de pressão no Centro penitenciário; colaboradores e traidores.

As comunicações dxs presxs incluídxs no F.I.E.S sejam com seus familiares e amigxs, assim como com seus próprios advogados, são armazenadas; é comum que suas conversas sejam gravadas e que suas correspondências sejam fotocopiadas incluindo os dados de quem os escreve, assim mesmo se revisa o material de leituras e se registra todo incidente em que tenham participado dentro da prisão.

Xs presxs do regime possuem uma série de restrições até para as consultas médicas; elxs sofrem com a mudança constante de centro penitenciário, sem ter em conta a vinculação familiar dx presx. Não se lhes aplica a Liberdade Condicional por bom comportamento a um terço da condenação, se não a três quartos da pena. Tem registros freqüentes de suas celas e estão impossibilitados de compartilhar celas com outrxs presxs. Não podem participar em nenhum tipo de trabalho ou curso, nem terem mais de dois livros. Àqueles que se aplicam o Regime fechado, devem alimentar-se dentro da cela e só podem sair ao pátio duas horas por dia. Xs presxs da categoría F.I.E.S. 1 tem, ainda, revistas a cada duas semanas em todas as dependências da prisão, inspeções oculares periódicas (pelo menos a cada hora na noite) para xs qualificadxs em primeiro grau ou no isolamento, e informes diários sobre as revistas realizadas.

Copanheirxs presxs neste regime : Claudio Lavazza, Monica e Francisco , além do memorável companheirx Xose Tarrio, assassinado por este regime.

O RDD

No Brasil, existe um regime similar ao FIES. É o Regime disciplinar diferenciado (RDD), mas antes de falar do RDD precisamos falar um pouco do regime penitenciário, não como uma nota muito elaborada mais sim com um olhar ainda superficial mas pelo menos esclarecedor sobre a situação carcerária no Brasil.

Regime penitenciário no Brasil

Tudo referente às cadeias no Brasil é uma longa história da violência legal. Desde fatos historicamente descarados desta violência como o massacre do Carandiru, até os regimes de prisão mais duros como o RDD, mostram a especialização constante do aprisionamento humano, da miséria dos juízes e carcereiros que fazem das jaulas suas profissões e seus orgulhos trabalhistas.

Existem dois tipos de cadeias no Brasil. As cadeias estaduais, onde xs presxs vivem dentrx de uma prisão na qual podem trabalhar e socializar com otrxs presxs, assim como estudar e acessar a áreas comuns, pátio e sol. As prisões federais em contrapartida, são de segurança máxima e regime fechado, tem equipamentos que identificam drogas e explosivos nas roupas dos visitantes, detectores de metais, câmeras escondidas, sensores de presença, entre outras tecnologias. Cada preso é confinado em celas individuais, sendo monitorado 24 horas por dia, por um circuito de câmeras em tempo real.

O Regime Disciplinar Diferenciado (RDD) aplicado só nas prisões federais, nasceu como um castigo maior contra a organização de facções criminosas, atuantes em presídios. Ele vem mediante uma lei que foi criada para dificultar as

ações organizadas supostamente lideradas por internos dos presídios, que são parte do Comando Vermelho (CV), no Rio de Janeiro, e do Primeiro Comando da Capital (PCC), em São Paulo.

A aplicação do RDD é para x presx que estiver cumprindo pena já condenadx ou estiver temporariamente em reclusão. No RDD x presx é mantido em cela individual 22 horas por dia, e pode receber só duas pessoas visitantes em uma semana. Pode tomar um banho de sol de no máximo duas horas por dia, e não pode receber jornais ou ver televisão, ficando sem contato com o mundo externo. A merda da lei prevê a possibilidade de isolamento preventivo do presx, 10 dias antes da autorização judicial para que x presx seja submetido ao regime, isto quer dizer que os carcereiros não precisam de uma autorização para isolar ao presx, ficando ela à vondade do carcereiro. Na teoria, x presx poderá ficar sob este regime por 360 dias, renováveis ou por mais dias, mas não poderá exceder 1/6 da pena a ser cumprida, tendo que retornar ao regime prisional tradicional.

O RDD e a prisão política

Mas não todxs xs presxs isoladxs dentro do RDD são de facções criminosas, e não se cumpre con os tempos maximos de isolamento. Também existem casos de uma clara vingança política, que mostra-se com o seqüestro de Mauricio Hernández Norambuena[1] presx no RDD em uma penitenciária do Mato Grosso du Sul há 5 anos. Ele está vivendo dentro do regime de máximo isolamento pelo sequestro de Washington Olivetto, sob as seguintes condições:

- Uma cela de 3 por 2 metros com uma cama e um banheiro incluídos.
- Acesso a 2 horas diárias de saída, sozinho, em um pátio pequeno.
- Visitas somente de seus irmãos por 3 horas.
- Nenhum acesso a jornal, TV, rádio, etc.
- Ingresso e 1 só livro semanal
- Nenhum contato com outrxs presxs

O RDD e o F.I.E.S. são regimes que antes de tudo mostram a vingança do Estado contra as caras que o desafiam. Dentro do RDD e do F.I.E.S. os Estados não podem mais falar de direitos humanos e também não podem falar do castigo por um crime, estes regimes são castigos para as pessoas, para xs inimigxs dos Estados que são consideradxs um risco e mostradxs como criminosxs.

----

[1]Mauricio Norambuena, é um subversivo que é conhecido por sua militância no Frente Patriótico Manuel Rodriguez, grupo armado marxista-leninista, que lutou contra a ditadura no Chile. Depois da entrada da Democracia, continuou lutando contra o Estado. Em 1993 foi preso e condenado a duas prisões perpétuas por suas ações com o FPMR. Em 1996 junto a outros três frentistas é resgatado do Cárcere de Alta Segurança de Santiago em um helicóptero blindado. No dia 3 de fevereiro de 2002 foi detido em São Paulo, e condenado pelo seqüestro do publicitário Washington Olivetto a 30 anos de prisão. Maurício demanda seu translado às cadeias chilenas, pois permanece no RDD e as possibilidades de vistas familiares são poucas, a resposta do Estado brasileiro estabelece sua expulsão deste país, só uma vez concluída sua pena de 30 anos. Se bem não compartilhamos os métodos hierárquicos de luta do FPMR ou de Maurício Norambuena, acreditamos importante ressaltar que este tipo de castigos são usados contra pessoas que são uma ameaça ao poder por suas convicções de luta e crítica à dominação, pois está claro que apesar da história transcorrida e das situações adversas, Maurício não decai em sua luta contra o Estado Chileno.

Mónica Andrea Caballero Sepúlveda
Ávila Prisión Provincial
Ctra. De Vicolozano s/n
Apdo. 206
05194 Brieva (Ávila)

Francisco Javier Solar Domínguez
C.P. de Villabona
Finca Tabladiello
33480 Villabona- Llanera (Ashirias)

Hermes González y Alfonso Alvial
libertadhermesyalfonso.wordpress.com
Encomiendas Biblioteca la Hiedra
www.bibliotecalahiedra.noblogs.org

Mauricio Hernández Norambuena:
Penitenciária Federal em Campo Grande-MS
Av. Henrique Bertin, s/n, Jardim Los Angeles
Campo Grande – MS. CEP 79073-785, BRASIL

Convidamos a escrever axs companheirxs presxs, para isso compartimos os endereços dos companheirxs que foram mencionados em cada publicação de Kataclismx. A paciência é importante quando se tem a decisão de compartir correspondência com xs companheirxs seqüestradxs porque elxs não tem facilidades para receber cartas ou escrever-las.

Caça de Bruxas e Vendetta no CHILE

Desde o território controlado pelo estado chileno, temos noticias dxs companheirxs em luta pela anarquia. Esta é uma historia que continua sendo escrita com determinação, em um ataque contra a dominação que não dá trégua, que nunca se detém, inclusive além das fronteiras.

Uma colaboração entre polícias de dois países, uma perseguição internacional contra xs companheirxs antes sequestradxs no contexto do caso bombas. Um assalto que terminou com um companheiro morto, dois companheirxs presxs e uma/um companheirx em fuga foi a resposta defensiva do capital contra nossxs companheirxs.

E a vingança que se apresentou, com uma companheira que não ficou quieta e levantou as armas atirando fogo contra um guardião de segurança de um banco da mesma companhia onde Sebastian foi assassinado.

Uma confrontação permanente contra o poder que chama a nossa solidariedade e incentiva a toma de posturas ainda mais radicais dentro da guerra social.

Monica e Francisco
Xs 5 sequestradxs em Barcelona

Duas bombas em templos católicos (Pilar e Almudena); o envio de artefatos por correio a uma consultoria e ao banco italiano Mediolanum, e o envio de dois vibradores (consoladores) com explosivos ao diretor de um colégio dos legionários de Cristo em Madri e ao arcebispo de Pamplona, foram as ações reivindicadas pelo comando insurrecional Mateo Morral, ações pelas que Monica Caballero, Francisco Javier Dominguez, Gerardo Damian Formoso, Valeria Giacomoni, Rocio Yune Mira, todos elxs companheirxs anarquistas, foram pegxs em Barcelona.

Depois do ritual jurídico de sempre, incomunicação, declarações e acusação de terrorismo, no dia 17 de Novembro ordenou-se a prisão provisória contra a companheira Monica Caballero e o companheiro Francisco Solar. A companheira Valeria Gicamoni e os companheiros Geraldo Damián Formoso e Rocío Yune saíram nas ruas após permanecerem cinco dias incomunicadxs, com a obrigação de assinar periodicamente nos tribunais.

Como parte dos castigos regulares da repressão consiste em mudar constantemente xs presxs, para elxs permanecerem na incerteza de o que vai lhes acontecer, Monica e Francisco já passaram por varias prisões. Outra estratégia usada contra elxs foi isolá-lxs; ambxs companheirxs se encontram sob o regime F.I.E.S (Ficheiro Interno Especial de Seguimento) nível 2; regime de isolamento e segurança máxima que lhes permite sair unicamente 3 horas no pátio em companhia de outro presx, se tem alguém no mesmo regime, o resto do dia permanecem presxs nas celas . A maioria das visitas se realizam por locutório e não têm restrições formais para a correspondência, pelo que é possível enviar cartas aos companheirxs.

Solidariedade Internacional com Monica e Francisco e xs 5 anarquistas de Barcelona

A solidariedade anárquica não se fez esperar e além das ações espontâneas em distintas partes do mundo, xs companheirxs de Barcelona fizeram um chamado internacional de solidariedade com xs detidxs em Barcelona. (16 à 22 de dezembro).

Muitas ações de ataque e apoio político se realizaram em resposta a esse chamado em distintas partes do mundo, e nos agrada saber que também em Porto Alegre, teve uma resposta anárquica de ação e ataque em solidariedade. Uma filial do Banco Santander, de interesse espanhol, foi incendiada. No comunicado lemos que "a solidariedade não é um slogan vazio e que não vive toda sua grandeza somente com a palavra.". Dentro desta semana de solidariedade uma das ações importantes foi a greve de fome realizada pelos companheirxs presxs Marcelo Villarroel Sepúlveda, Freddy Fuentevilla, Juan Aliste Vega, Hans Niemeyer Salinas e Carlos Gutierrez Quiduleo, uma mostra dos fortes laços solidários e da continuidade combativa dxs companheirxs nesse território.

Monica e Francisco, mandaram umas palavras depois da semana de solidariedade internacional nas quais mostram a sua firmeza frente a sua nova situação de sequestro: "Aqui estamos de novo, estas paredes de betão e as barras, entre câmaras e carcereiros. Aqui estamos de novo, sem abaixar a cabeça e orgulhosos do que nós somos. Os seus golpes e mordaças não fazem nada mais que fortalecer e afiar as nossas idéias e vidas, qualificando-nos no confronto permanente.". Assim se dirigem aos/as companheirxs que com determinação fazem da solidariedade uma arma combativa: "Saudamos com um forte abraço todas as expressões de apoio, são um empurrão que debilita as barras.

Entendemos a solidariedade como a constante colocação em prática das nossas idéias anarquistas, em todas as suas formas, as que façam entender ao inimigo que nada acaba aqui, que tudo continua na prisão ou nas ruas. Esteja onde se estiver: nem um minuto de silêncio e toda uma vida de combate". Finalmente, e em relação a tudo o que está acontecendo no território controlado pelo estado chileno, Monica y Francisco falam da morte de Sebastián Oversluij lembrando a alegria de "sua coerente vida com os seus ideais: um guerreiro completo".

Situação legal e a ligação com o Caso Bombas

Os delitos pelos quais são acusados Monica e Francisco são; 1. Pertencer a uma organização terrorista. 2. Atentados terroristas (Colocação de artefato em Zaragoza) e 3.Conspiração para o cometimento de atentados terroristas (supostos planos para um atentado ao Monastério de Montserrat em Barcelona). Todos eles são delitos qualificados na legislação antiterrorista onde se pede que sejam condenadxs a penas de 15 a 20 anos .
Resulta importante lembrar que tanto Mónica como Francisco foram processadxs, encarceradxs e levadxs a julgamento no chamado Caso Bombas (Chile), acusadxs também sob a lei antiterrorista pelos delitos de associação ilícita terrorista e colocação de artefato explosivo. Neste caso, elxs permaneceram ao redor de 9 meses detidxs na prisão de segurança máxima do Estado chileno, onde se mantiveram firmes nas suas convicções e levaram adiante, junto com o resto dxs acusadxs, uma greve de fome de mais de 65 dias. Finalmente, saíram absolvidxs. Este fato foi muito tomado em conta pelo estado espanhol e seu aparato repressivo para elevar as acusações sobre xs detidxs de Barcelona a delitos de terrorismo internacional, recuperando o argumento já ocorrido da organização terrorista internacional com o que se pretende tipificar as ações de ataque levadas a cabo por grupos de ação em distintas partes do mundo.

As duas polícias, espanhola e chilena, teriam atuado conjuntamente em colaboração para pegar eles, uns jogando informação para os outros. Esta colaboração reconfigura a "escapada" de um pais até outro assim como as medidas internacionais de perseguição. O caso de Monica e Francisco mostra que a colaboração internacional das polícias de um ou mais Estados não precisa mais de chamados internacionais de captura, nem dos formalismos usuais de acusação, senão que assume totalmente a acusação feita pela policia de outro país. Assim, cruzar fronteiras como estratégia de alívio ou de segurança frente a um golpe repressivo tem que ser repensado, pois, ja não é nenhuma garantia de não continuar sendo perseguidxs. Este não é o único caso de colaborações e misturas entre polícias de dois ou mais países, lembramos o caso dxs companheirxs do blog Culmine (Italia), que foram pegxs no contexto da operação "Osadia", operação repressiva que também envolveu e acusou a companheirxs fora do estado italiano (Gabriel Pombo da Silva e Marco Camenish já presos em distintos países).

A vinculação com o caso bombas e a acusação de terrorismo foi usada pelo Estado espanhol para aumentar a imagem de periculosidade dxs companheirxs e buscar castigos que sirvam de propaganda para a razzia antianarquista.

Temos visto uma constante acusação de terrorismo feita pelas polícias de muitos estados contra xs companheirxs de diferentes partes do globo, chile, méxico, brasil, bolívia, itália, espanha, estados unidos, grécia e outros países. Desta vez a acusação de terrorismo foi adornada com paralelismos entre al qaeda e os grupos de ação informais.

Em um contexto que usa a palavra terrorismo para plantar o medo, essas acusações procuram frear a expansão e a possível solidariedade com xs anarquistas detidxs e acusadxs. É o medo da sociedade, um medo útil, o que dá as razões para que a acusação de terrorista se esteja disseminando por todos os estados. Hoje em dia, correlativo aos tempos da democracia que inclui e faz sentir bem, a população tímida ,a base de direitos e leis que os "protegem", se vem construindo e socializando o "terror ao terror". A mídia se encarrega de distribuir o medo em doses de notícias e acusações de terrorismo lançadas sobre todxs xs que quebraram as cercas do protesto organizado e medido pela democracia. Nesta campanha de distribuição do medo, entramos xs anarquistas.

Além de reivindicar ou não a etiqueta "terrorista" que se impõe pela mídia as/aos companheirxs, é inegável que a acusação repercute determinantemente na vida prática dxs compas sequestradxs, pois justifica suas anulações mediante penas e isolamentos que roubam anos de vida, a nossxs afins em condições ruins. Assim, uma palavra transformada em vingança, só nos mostra que nesta guerra nada está em dúvida, as posições do poder contra xs anarquistas estão claras. Nossas respostas então, só podem ser de igual claridade.

A solidariedade com xs companheirxs Monica e Francisco continua despertando raiva e ódio, e por tanto ataques ao mesmo tempo que gestos de muito afeto para com elxs. A agitação permanente não vai tirá-lxs da prisão mas sim xs vai fortalecer em suas posições e vai combater o isolamento e a marginalização que lhes pretendem impor xs administradorxs da justiça em resposta à incômoda presença negra da confrotação.

O roubo ao Banco Estado...
Um companheiro assassinado.

No dia 11 de dezembro de 2013, um grupo de companheirxs tenta assaltar um banco em Santiago, Chile, mas a tentativa de expropriação acaba mal devido à ação do segurança que se encontrava no interior da agência, que percebendo a eminente ação armada do grupo, reage atirando e acaba matando um deles com uma quantidade considerável de tiros, tombando dentro da agência já sem vida, frente ao pânico dos clientes que presenciaram a ação.

A tentativa frustrada dos companheiros rendeu muita notícia na mídia corporativa, com sua fórmula sensacionalista e mesquinha de sempre, elevando o segurança à condição de herói por sua atitude em defesa do dinheiro do sistema bancário, destacando seu treinamento militar e sua ação como mercenário no Haiti e Oriente Médio. A polícia chilena também pronunciou-se elogiando a ação do segurança, como uma "atuação excelente".

Para nós fica um companheiro morto, Sebastian Oversluij Seguel, então com 26 anos. Xs outrxs companheirxs envolvidxs na ação fogem para a rua, e dois deles são presxs à algumas quadras da agência do Banco Estado. São eles Hermes Gonzalez, 25 anos e Alfonso Alvial, 27 anos. Os dois foram detidos e levados para um cárcere de alta segurança em Santiago. A Justiça chilena tem um prazo de noventa dias para concluir o inquérito, perícias e demais investigações.

Após o assassinato e prisão dos companheiros, alguns espaços foram invadidos pela polícia, inclusive a casa dos pais de Sebastian, à procura de "provas" e de vinculação com outros crimes, incluso o dito "Caso Bombas".

Algumas criticas e análises foram feitas após a tentativa frustrada dos companheiros, desde erros estratégicos como o disfarce com uso de roupas de frio em um dia de verão santiaguino, o que pode ter chamado a atenção do guarda alertando-o; até o fato dos companheiros que estavam na ação não terem reagido contra o guarda que matou Sebastian, já que também estavam armados.

O fato é que a expropriação de bens capitais é uma forma de tentativa de recuperação do que nos é roubado, e não estamos falando de dinheiro. E quem opta por agir sabe das possíveis consequencias, onde o mínimo erro, pessoal, circunstancial ou de planejamento faz a diferença entre a vida e a morte, a prisão ou o êxito na fuga. Só que erra quem se arrisca. O risco que corre o pau corre o machado!

Afinal estamos em guerra ou não? Do conforto da imobilidade é fácil criticar e apontar os erros. Difícil é vivenciar a adrenalidade de uma tentativa dessas pelo que se acredita, conhecendo o tamanho do inimigo e ciente de nossas próprias limitações.

O momento exige apoio axs presxs, que enfrentarão todo um processo penal orquestrado pelo poder judiciário e suas marionetes, com o apoio da mídia inquisidora e com o consentimento de toda uma sociedade acomodada, que acredita que o sistema prisional faz parte da vida natural do planeta.

Daqui do outro lado do continente banhado pelo Oceano Atlântico, enviamos nossa solidariedade para os companheiros presos e à todxs xs companheirxs do território controlado pelo estado chileno, que mantenham firmes suas cabeças e cheios de rebeldia incontida em seus corações.

Os assassinatos nesse país acontecem todos os dias, a morte é moeda corrente para o cotidiano de muitas pessoas... Mata-se por ser pobres, se encarcera ou assassina por morar na rua e se "desaparece" quem se opõe publicamente a esse sistema... Contra axs "bandidxs", "vandalxs" e "delinquentes" que, por decidir não passar a sua vida trabalhando por outrxs, decidem recuperar o dinheiro dos bolsos dxs "poderosxs" assaltando bancos, joalherias, postos de gasolina, etc., se aperta o gatilho sem duvidar nem um segundo... Enquanto isso, os jornalistas gozam com uma boa notícia "sensacionalista" que os ajudará a aumentar a audiência no noticiário da noite, assumindo e repetindo o mesmo discurso policial que milhares de pessoas assimilaram como se fosse "a verdade".

Nenhuma/um mortx e/ou desaparecidx nas mãos da policia deveria ser esquecidx... e quando se trata de "uma/um dxs nossxs" quem foi assassinadx nas mãos dos bastardos, a distancia e as fronteiras se diluem e o golpe nos chega de frente. Algumas lágrimas caem, uma raiva fogosa se propaga em nossos estômagos e sentimos a necessidade de gritar e golpear ainda mais forte...

Sebastian Oversluij Seguel (o "Pelao Angry") decidiu levar uma vida em conflito, lutou com palavras e com ação até cair em combate e assim, tanto para levantar uma vida cotidiana contra corrente como para valorizar a valentia que levou aquele guerreiro a empunhar uma arma e a se enfrentar cara a cara contra o poder, que decidimos, através dessas palavras, deixar alguma pegada de uma vida guerreira.

Porque sabemos que quem está mortx é quem está esquecidx. Porque como disseram alguns companheirxs "não existe maior insolidariedade que a sepultura do silencio". É através de nossos atos e das nossas palavras que não deixaremos aquele guerreiro morrer. Porque a nossa memória se expande sem reconhecer nem fronteiras, nem bandeiras, nem distâncias. Faremos, Angry que os teus gritos e ânsias de liberdade nunca se apaguem... as palavras seguem em conflito.

Vingança

No dia 21 de janeiro, uma companheira decide cobrar vingânça da morte do companheiro Angry, entra em uma filial bancária do BancoEstado e atira no segurança com 4 balaços, rouba a sua arma, grita "vingança" e sai andando. Umas horas depois, ela foi presa em uma delegacia próxima ao lugar do ataque enquanto ela tinha ido a denunciar o roubo da sua própria bicicleta, os vermes desconfiaram dela e pediram para ela abrir a mochila, onde encontraram a arma do guardião que a companheira tinha roubado. No dia seguinte, uma audiência de formalização aconteceu em Santiago onde ela foi formalizada por roubo qualificado e se arrisca a uma pena de 10 a 40 anos de prisão. Lamentavelmente, o guardião do banco não perdeu a vida e já esta fora de risco vital. A companheira Tamara Sol Vergara, sobrinha dos irmãos Vergara (Rafael e Eduardo), cujos assassinatos no dia 29 de março 1984 deram nascimento ao dia do jovem combatente no Chile, se encontra agora presa no presídio de San Miguel, trancada o dia e a noite toda, mesmo presídio onde, no dia 8 de fevereiro 2011 foram deixadxs morrer a 81 presxs em um incêndio.

Os caminhos que algumxs decidem tomar contra a autoridade são diversos e se complementam, é isso talvez, que faz a nossa força. Muitas vezes, tentamos juntar "ação" e "teoria" em uma práxis cotidiana. Existem muitas "teorias anárquicas", manuais práticos para nos ajudar a levar a cabo os nossos objetivos, existem espaços onde a anarquia se vive no cotidiano; e a "anarquia", como o mostrou a companheira Sol, também está dentro de nós, quando o desejo de liberdade atravessa talvez todos os limites da "razão", quando a morte tem que ser vingada de qualquer jeito, porque sim, porque não se pode "deixar morrer" axs nossxs sem respostas... Os erros existem, e a maioria das vezes caímos por descuidos nossos, e seria absurdo ficar em elogios ou lamentações, mas além de qualquer outra coisa, hoje, queremos saudar, valorizar e difundir aquela força vingativa, aquele passo adiante que deu a companheira Sol na cara dxs que acham que têm o poder, porque com esses disparos, ela mostrou que não terá mais assassinatos sem vingança, porque agora xs lacaixs do Estado/Capital, talvez não conseguem dormir tão tranquilxs como antes... é isso sim, é, dentro de muitas desgraças, uma vitória!

Pela companheira Sol, pela anarquia,
pela memória em combate:
solidariedade e ação!

A LUTA SEGUE:

Escritos de Gabriel Pombo da Silva de volta a Espanha

Nota do blog de contra informação Cumplicidade:

"A memória viva não nasceu para servir de tinta.
Tem mais a vocação de ser uma catapulta. Não quer ser um porto de chegada, mas um porto de partida.
Não nega a nostalgia mas prefere a esperança, os seus perigos, suas intempéries…"
Jann-Marc Rouillan

O companheiro anarquista Gabriel Pombo da Silva está há quase 30 anos na prisão, uns 20 nas prisões mórbidas do Estado espanhol. Tem se enfrentado (e segue fazendo-o) a muitos castigos e regimes de isolamento que dispõe aquele Estado para tentar sujeitar a quem não cede as suas exigências. Gabriel forma parte daquelxs para quem o encarceramento não significa o fim da revolta! Participou em motins e tentativas de fuga, nos anos 80 e 90, o sistema carcerário espanhol foi sacudido por numerosos atos individuais e coletivos de ofensiva. Por ter participado, Gabriel foi preso, como várixs outrxs, no regime FIES, destinado a erradicar toda tentativa de rebeldia. Em outubro de 2003, Gabriel decidiu não voltar para a jaula depois de uma permissão. No dia 28 de junho de 2004, após um controle da polícia que acabou mal e em um tiroteio para não cair nas mãos dos policiais, foi preso em companhia da sua irmã Begoña e dos companheiros Bart de Geeter e José Fernandes Delgado (esse último também em fuga das prisões espanholas). No dia 25 de setembro daquele ano José- também acusado de assalto- é condenado a 14 anos de prisão, Gabriel a 13, Bart a 3 anos e meio e Begoña a 10 meses de prisão com remissão condicional da pena. Bart sai em 2007, José -depois de vários traslados- se encontra atualmente na prisão de Rheinbach (Alemanha), Gabriel cumpre a sua pena em Aachen, onde se nega a obrigação de trabalhar, pelo que permanece 23 horas sobre 24 em uma célula. Uma forma de escapar é mantendo uma correspondência com companheirxs de todos os horizontes.

Agora se encontra na Galícia, na prisão de A Lama, no regime FIES, como nos relata nesta carta. Suas palavras atravessaram todos os muros das prisões e fronteiras, desde o território dominado pelo Estado brasileiro, queremos abraçar a sua firmeza frente a tantos anos de encarceramento… Por muito que nos separam os quilômetros, nas ânsias de romper, com a nossa solidariedade, a distância e as fronteiras que nos separam, difundimos por esses ares fragmentos de uma vida toda em combate… e fazemos nossa a história daquele guerreiro!

Morte ao Estado e que viva a Anarquia!

De Janeiro a Outubro- A luta segue.

Axs meus amigxs, irmãxs e/ou companheirxs

Ainda lembro como se fosse ontém mesmo o dia no qual, por fim, abandonei (expulso) esse frio mórbido asséptico e hermético que foi a prisão de segurança máxima de Aquisgran (Aachen) na Alemanha… No dia 16 de janeiro (2013) cheguei no aeroporto de Barajas (Madrid) escoltado pela Interpol; e daí me dirigiram aos Tribunais da Praça Castilla; não sem antes ter sido fotografado (com especial interesse no peito, pois esperavam, a toa, esperando encontrar tatuado o acrônimo da FAI/FRI); "tocado o piano" (tirar as impressões digitais) para se assegurar que, efetivamente, era eu… Devo dizer que deveria ter abandonado a Alemanha em dezembro e/ou novembro; mas isso foi repentinamente "bloqueado" posto que a República da Itália tinha interposto uma "OEDE" ante a Bundesanwaltschaft de Karlsruhe com a intenção de me extraditar pelo relativo à "Operação Osadia"… Por "sorte" (ou pelo fato de ser juridicamente "cidadão espanhol", reclamado por uma OEDE apresentada com anterioridade por esse país) os "Digos"(1) italianos tiveram que "ficar com vontade" (momentâneamente), quando o tribunal alemão (após várias "gestões" jurídico-policiais) decidiu que as "acusações indiciárias" vertidas contra a minha pessoa pelo ROS eram (e são) insuficientes para conceder à Republica italiana minha extradição.

Assim, tive a sorte de me salvar de conhecer o "Bel Paese" através das suas prisões e sistema jurídico… "Ingênuamente" acreditava que, finalmente, tinha me "tirado de cima" aos Digos com as suas delirantes acusações e podia acabar de "terminar" resto do meu sequestro legal nesse país.

Me resulta impossivél resumir em umas folhas de papel todas as impressões-idéias-emoções que senti quando deixei atrás a prisão de Aachen e a Alemanha no seu conjunto… após oito anos e meio "sepultado vivo" nesse país (23 horas por dia trancado em uma cela e uma hora de pátio diária) por me negar em desempenhar "trabalhos forçados" e me vestir do uniforme de presidário (além de terem me roubado e sabotado sistemáticamente minha correspondência: com o

qual me foi tirando a vontade de escrever de maneira gradual nos últimos anos...) acreditava que "o pior" ficava definitivamente para trás... Finalmente ingressei na prisão de "Soto del Real" a meia noite. Qual não seria a minha surpresa quando constato QUANTO tinham mudado "as coisas" nesses quase 10 anos de "ausência" (exílio?) forçoso das masmorras hispânicas!

Fiquei estupefato ao constatar/ver que os próprios presos (verdadeiros auxiliares de carcereiros) encarregavam-se de registrar os meus pertences junto com os carcereiros. Esta primeira impressão foi um duro golpe moral para mim. Surpreendentemente (jà que eu contava com ser classificado em primeiro grau e incluído no FIES, nada mais ao chegar...) no dia seguinte me recebem o diretor e subdiretor de dita prisão para me comentar/dizer que lhes tinham chamado desde a mesmíssima "D.G.I.P" (literalmente me disseram que quando os "chefes" viram o meu nome se acenderam as "luzes vermelhas") para que me perguntassem "com que intenções voltava". Com ironia respondi que as intenções minhas sempre tinham sido (e serão) as mesmas: conquistar a minha liberdade... Me notificam que cumpria "minha" pena (isso logo se notifica a mim, em um documento que se denomina "liquidificação de penas") no dia 10/4 de 2015... e além disso que permaneceria no segundo grau e que me trasladariam a minha terra na maior brevidade possível...

Que vou contar para vocês? No final "pareceria" que depois de mais de 28 anos de prisão "só" deveria esperar "apenas" um par de anos para poder desfrutar da minha ansiada liberdade.

Afastado ,isolado, segregado durante os últimos anos de sequestro na Alemanha, TUDO o que ia olhando-escutando-sentindo era simplesmente alucinante... Foi uma "overdose" auditiva, visual, sensorial, emocional, indescritível... Em certo sentido (e em comparação ao sofrido na Alemanha) já me sentia "meio livre" e estava aprendendo de novo a me "esclarecerr" com isso de me ver sobrepassado pelo meu "novo" entorno; com "tanta gente", com tantas horas de pátio, com tantas cores e as "lindas vistas" até a Serra de Navalcernada... O "único" negativo foi constatar que os carcereiros se tinham feito com os pátios e a maioria dos presos tinham se tornado gestores da sua própria prisão, além de "auxiliares de carcereiros"... Obviamente, fui dirigido em um módulo de "conflitivos" e aí (Módulo 5) pretenderam os carcereiros que dividiria a cela com outro preso... Dado que me neguei por completo em "dividir cela" com preso nenhum, fui dirigido ao Departamento de isolamento no dia 17 de janeiro pela noite... e além disso me castigaram com duas faltas "muito graves" por (segundo eles) "ameaçar com golpear ao presos com o qual pretendiam que convivesse" e "me negar e resistir" a obedecer às ordens dos carcereiros.

Depois de um dia em isolamento, no dia 18 de janeiro me voltam ao módulo 5 e essa vez me dão uma cela para mim sozinho... Porém, no dia 30 de janeiro me notificam que fico incluído no FIES-5 (características especiais). Isso o tomei com certo senso do humor, pelo menos (me disse a mim mesmo) não terei que buscar mais "castigos disciplinares" pelo tema de "dividir cela" com alguém... Bom... agora só esperava que chegasse o meu traslado à Galícia tal e como me tinham dito no momento do meu reingresso... No dia 16 de fevereiro me dizem que recolha as minhas "coisas" que me ia de condução. Não quiseram me dizer em que prisão mas pensava que seria a qualquer das existentes na Galícia. Qual não seria a minha surpresa quando me dou conta que me levam para Alicante? Em Alicante me notificam também a limitação e intervenção das comunicações (telefônicas, escritas etc.)... já não entendia nada.

Os primeiros meses tanto no Soto do Real (Madrid) como em Villena (Alicante) põem-me todo tipo de travas e impedimentos para comunicar e/ou falar por telefone, tanto com a minha companheira como com a minha família. Porém a presença de vários presos da ETA fazem que minha estadia seja algo mais divertida... Supreendentemente no dia 20 de março, a D.G.I.P decide me tirar da inclusão no FIES-5 (C-E) e me levantar a sua vez, a intervenção e limitação das comunicações... Inclusive me "autorizam" poder ligar para a minha irmã por telefone, à minha companheira e ao advogado... Porém no dia 3 ou 4 de abril me dizem que volte a recolher as minhas coisas que vou de condução. Inocentemente acho que finalmente me levam para Galicia... mas, qual não seria a minha surpresa quando me dizem que vou a Valdemoro? E que vou fazer eu em Valdemoro? A resposta não se faz esperar e no dia 9 de abril me levam ante a Audiência Nacional: os "Digos" voltavam ao "contra- ataque". Me nego em prestar declaração nenhuma e rechaço o advogado (de ofício) que me dão. No dia 16 de abril volto a ser citado, essa vez com o meu advogado. Não tenho NADA que declarar sobre as acusações das que sou objeto por parte do R.O.S, e... Porém me decretam a "liberdade provisional" entretanto e enquanto ainda me encontro cumprindo pena nesse pais e para "me extraditar temporáriamente" na Itália se deve pedir uma "rogatória internacional" a Alemanha (dado que eles me entregaram a Espanha e não aceitaram os indícios supostamente incriminadores do R.O.S contra a minha pessoa) e devo cumprir "minha" pena na Espanha... O mês de abril, o passo praticamente em Valdemoro e é aqui onde tenho as minhas primeiras comunicações, tanto com a minha irmã como com a minha companheira. No dia 30 de abril me encontro de novo em Alicante. Finalmente no dia 31 de maio tenho o meu primeiro "vis-à-vis" com a minha companheira e se vão regularizando periodicamente e com "normalidade" tanto as chamadas como as visitas com outrxs companheirxs.

No dia 15 de julho finalmente abandono a prisão de Villena com destino a "A-LAMA"... chego na Galícia no dia 25 de julho. No dia 27 me notificam a "intervenção e limitação" das comunicações (simplesmente "porque sim") com data do dia 23 de julho! Quer dizer que ainda não tinha chegado a essa prisão quando o subdiretor decide (a título pessoal e contra da resolução da D.G.I.P e o J.V.P de Villena) voltar mais um passo atrás e não cumprir as próprias "normas", "normativas" e "diretrizes" dos seus superiores e do poder judicial. E dado que me nego em assinar dito acordo (unilateral e arbitrário) não lhe ocorre nada melhor que me voltar a incluir no FIES-5 no dia 9 de outubro!

Simplesmente tenho decidido deixar de escrever (o que sempre tinha sido minha janela até o exterior) desde que cheguei nessa prisão, porque me nego a que um "qualquer" que exerce de pequeno chefe local, decida a quem e quando escrever e o que ler...

A tudo isso e em sucessivas "liquidificações de pena", acabo por não entender que merda de sistema jurídico-penal é esse que me concedem várias: a) (a primeira) no Soto do Real com data de saída 4/4 partes cumpridas no dia 10-4-2015; b) (a segunda na Villena-Alicante) com data de saída no ano 2033!! E c) (a terceira no A-Lama) onde põe que cumpro (3/4 condicional) em janeiro do 2015 e a total (4/4 partes) no ano 2020. Obviamente tudo isso (a nova inclusão no FIES mais a intervenção de correspondência mais liquidificação de penas) se encontra recorrido ante o JVP de Pontevedra. Se esse JVP aplica sua lei deveria ser posto em liberdade no ano que vem.

A todxs xs companheirxs devo de dizer que além do que dizem seus "papéis jurídicos" e suas sujas manobras políticas, levando como levo 29 anos preso, não vou entrar nas provocações destxs miseráveis agora que minha LIBERDADE está ao alcance da minha mão… Me consta que o mero fato de escrever isso (a minha verdade) lhes pode dar Pé aos carrascos para novos "translados" (já sejam de módulo ou de prisão) e/ou "castigos" de tipo administrativos.

A situação carcerária nesses últimos anos de "ausência" forçada tenha mudado a tal ponto de que tudo está irreconhecível para mim.

Existe agora (começou faz alguns anos…) em todas as prisões do Estado espanhol uma "novidade" que se denominam "módulos de educação e respeito" e/ou "módulos de convivências". Em umas prisões esses módulos ja são majoritários. Mas que quer dizer isso? Quem deseja que se aplique a lei (o que lhes corresponde por lei e não pelo benefício de uns usurpadores) devem de ir a um desses "módulos de respeito" onde assinam um contrato onde lhes "programam" as atividades que devem de fazer obrigatoriamente (o qual vai contrariamente à L.O.G.P) como limpar, estudar, fazer esporte etc. Os próprios presos são os encarregados de executar as funções de carcereiros e "técnicos" chegando a controlar a seus próprios "companheiros", a mediação (eufemisticamente as drogas com que empinam aqui aos presos) é cagueta-los por se levam drogas ilegais ou fumam (ou não trabalham) em zonas proibidas. Inclusive fazem "assembléias" onde uns se "caguetam" dos outros. Ir por um desses módulos, supõe renunciar (ou seja delegar tudo aos funcionários) aos "direitos" contemplados na L.O.G.P que tantos mortos e sangue nos custou aos/as "velhxs combatentes". Visto pelo visto (e dado que nego a tragar aquela porra) prefiro conviver nos chamados "módulos conflitivos" e lutar pelos meus "direitos" (aqueles pelos quais já lutei) e não "delegar essa responsabilidade" a um grupo de traidores e carcereiros.

Quero ressaltar que isso que aqui escrevo não pretende ser " chamado à solidariedade" com a minha situação. É tão só uma "radiografia" da minha situação (e a de outrxs tantxs que não baixaram as calças) e uma constatação de que as suas "leis e direitos" são um lixo, papel molhado, algo com o qual pretendem se investir "eles" de "ordem" e "legitimidade" e assim mesmo justificar o monopólio da violência (legal e armada).

O que eu penso e acredito o fui (e sigo fazendo em menor escala) refletindo nos meus textos e em cada ato da minha vida.

Minha solidariedade é agora (como sempre) com todxs xs que lutam:
Jamais vencidxs, nunca arrependidxs!

Em luta até que todxs sejamos livres!
Pela Anarquia!
A-Lama, Outubro de 2013

Nota: Não me chegam nem correio nem as publicações anarquistas, mas estou aproveitando para traduzir o livro do companheiro Thomas Meyer Falk.

Guerra é Guerra

Uma breve análise sobre espetáculo e repressão

A morte do cinegrafista da TV Bandeirantes, Santiago Andrade, em consequência de um ferimento causado pela explosão de um rojão, durante os enfrentamentos entre forças policiais e grupos de encapuzadxs, em uma manifestação no centro do Rio, nos arredores da Central do Brasil no dia 6 de fevereiro, foi o estopim para um estravagante espetáculo midiático que aparece associado à necessidade do poder em incrementar suas políticas repressivas, em sua urgência por frear a qualquer custo a, cada dia mais crescente, onda de agitação que assola ,por todos os lados, o território controlado pelo E$tado brasileiro. Muitas cenas patéticas se vêem desde então, entre os apelos da mídia e a comovida "solidariedade" da cidadania ordeira, a vergonhosa e arrependida postura dos dois acusadxs de serem os responsáveis da explosão do rojão, até os posicionamentos da esquerda e de alguns setores do anarquismo, que por um lado demonstram comoção e por outro entram no jogo do poder , apontando culpadxs e inocentes. Como anarquistas sentimos a necessidade de tornar públicas certas idéias e posições, tornar nítidos nossos pensamentos sobre os avanços do que para nós está mais do que claro: existe uma guerra em curso.

Não vai ter Copa...

Esta guerra não começou em junho de 2013 e não vai terminar na Copa do Mundo, talvez isso para alguns/as seja óbvio mas nos parece importante ressaltar. Desde nossa perspectiva anárquica apoiamos a necessidade de impedir a Copa do Mundo pelo que ela representa: O avanço político, militar, tecnológico e econômico do Estado/Capital. Não vemos esta luta com uma visão reducionista, mas como parte da necessidade de destruir todas as estruturas do poder e, reconhecendo o alto nível de importância que estes mega-eventos têm para o desenvolvimento do mesmo, a necessidade de impedí-los. Dentro de uma perspectiva de luta onde sempre apontamos para a Libertação Total, valorizamos a onda de revoltas que explodiram a partir de junho, não por suas reivindicações em si (que em sua maioria eram mendicância reformista) mas por que transbordaram qualquer limite, o que se transformou desde então não foi a realidade das coisas que eram reivindicadas, afinal a maioria das reivindicações mantinham a mesma raíz, seja saúde, transporte ou educação, tudo passava pela necessidade do Estado seguir cuidando da vida das pessoas, o que se transformou desde então foi a cultura de luta neste território, onde a humilhação e a repressão diária sofrida por uma grande parcela da população foi respondida a altura,

com barricadas, saques, destruição da propriedade pública e privada.

Quando dizemos que estamos em Guerra e buscamos afiar nossos posicionamentos , não é algo que falamos por fetiche ou tampouco é algo que medimos por parâmetros militares, mas sim por como nos posicionamos frente a realidade, pela necessidade que sentimos de destruir uma sociedade baseada no poder, no domínio e controle de todas as formas de vida na Terra. Esta guerra se inicia desde os primórdios deste modelo de organização da existência humana, onde nunca deixaram de haver seres que se contrapunham e se rebelavam com toda sua energia a este modelo de existência, isso se traduz por exemplo, na luta de muitos povos originários, que nestes 514 anos, em nenhum momento se deteve. O Estado através de seus braços armados, está constantemente se movimentando para atacar aos/as que considera seus/suas inimigxs, isso acontece por exemplo, em grandes cidades como Rio e São Paulo, onde a polícia mata entre 500 e 600 pessoas por ano. Além do extermínio própriamente dito vale dizer que vivemos no país com a terceira maior população carcerária do mundo, ou seja o cárcere e o assassinato são as punições por excelência para qualquer um/uma que ,por incontáveis e diferentes razões, transgrida as leis que amparam a "paz" e ordem nesta sociedade, o monopólio da violência do Estado, é um dos principais pilares de sustentação da atual ordem das coisas.

A partir de junho se deu início a um novo ciclo de rebeliões, parece que se acentuam ataques por parte do outro lado, o dxs oprimidxs, pobres e rebeladxs, desde então se viram belíssimos gestos de revolta, ações contagiantes que dificilmente são traduzidas em palavras. Uma viva demonstração disso são as selvagens reações de populações de favelas e bairros periféricos a assassinatos cometidos pela polícia, uma prática que era rara e esporádica , a partir de junho tem se contagiado e se repetido numerosamente, pouco a pouco se vai desconstruindo a idéia de que xs únicxs que enfretavam a polícia neste lugares era o narcotráfico. Igualmente o Estado se movimenta e toma suas medidas.

Terrorista é o Estado

Nos parece redundante, repetitivo dizer que o Estado semeia o terror e violenta sem clemência, mas é uma repetição necessária, desde junho já se somam uma quantidade alta de mortxs nos protestos ou em consequência deles, casos como os de Douglas Henrique de Oliveira e Luis Felipe Aniceto de Almeida mortos por que cairam, em dias diferentes, de um mesmo viaduto em BH, como de Fernando Cândido, no Rio, e

Cleonice Vieira, em Belém,, mortxs em consequência de haverem respirado gás lacrimogênio, o massacre de 11 pessoas pelas mãos do Bope, na favela da Nova Holanda, Rio de Janeiro, após um arrastão desencadeado a partir de um protesto, além de casos de execuções como o do anarquista Samuel Eggers assassinado em Caxias do Sul-RS, provavelmente pelas mãos de fascistas ou de forças policiais, e da ativista Gleise Nana, que foi assassinada em Duque de Caxias-RJ, após estar abertamente reunindo documentação que denunciavam os "abusos" cometidos pela Polícia durante as manifestações no Rio.

Nenhuma dessas mortes chegou a ter um décimo da repercussão nos meios de comunicação do que a morte do cinegrafista da Band, por razões óbvias:A morte de Santiago é a primeira morte de alguém que estava diretamente servindo ao poder dentro destes campos de batalha, ao contrário da comoção sentida desde a cidadania até alguns setores esquerdistas do anarquismo, que o colocam como um vitimizado trabalhador, nós não nos sensibilizamos com sua morte. Sim Santiago estava trabalhando, mas se lembram para quem trabalhava? No momento que estava aí ele era os olhos do controle, era uma peça importante da máquina fascista de formar opnião que é a Televisão, não atuava como um inocente trabalhador, mas era uma peça chave que assumia uma posição importante em uma guerra em andamento.

Repugnamos a lógica de culpadxs e inocentes, da mesma forma que nos parece deprimente vitimizar o cinegrafista nos parece tão deprimente quanto essa busca desesperada da esquerda por buscar xs verdadeirxs responsáveis pela explosão, afirmando que foi a polícia a autora da explosão muitas vezes o que se estava fazendo é por outro lado, vitimizar xs encapuzadxs. Para nós está claro que o poder não busca pelxs verdadeirxs responsáveis, mas sim conteúdo para seu espetáculo, a desculpa que precisava para poder endurecer mais ainda suas estratégias repressivas. Que importa se foi a polícia ou xs encapuzadxs que lançaram tal artefato explosivo se no fim o espetáculo será o mesmo? O que se vivia nas ruas aquele dia era uma guerra, e mortes "acidentais" como a de Santiago sempre são consequências possíveis desse tipo de situação. Para nós não existem xs culpadxs e inocentes, existem posicionamentos dentro desta guerra social, um cinegrafista a serviço da grande mídia não é inocente, um policial não é inocente, são servxs que tomaram suas posições nesse conflito.

Consequências...

Se dizemos que xs escravxs do Poder assumiram suas posições, da mesma forma queremos sentir sobre xs rebeldes. É importante que xs que hoje enfrentam a atual ordem das coisas tenham consciência das posições que assumem ao participar ativamente nessas revoltas. O aventurismo e a espontaniedade com certeza são um sopro de atos maravilhosos, mas podem jogar contra, quando há inconsequência das próprias ações, em nossa opnião é importante abrir os olhos para as possíveis consequências negativas de tomar uma participação ativa nesta maré agitada, sobretudo a de ser encarceradx e a de sofrer algum ferimento grave e/ou morrer. Estar atentx a essas coisas é estar atento a uma possibilidade latente dentro do campo de batalha da vida.

Em nossa opnião a postura dxs 2 acusadxs de lançar o rojão é no mínimo inconsequente, aparentemente elxs não tinham noção de onde estavam se metendo. Obviamente nos resulta indignante o castigo exemplificador que o Poder pretende aplicá-lxs, sabemos que ameaçando-xs com uma pena de 15 a 30 anos desejam atingir as/aos rebeldes, pretendem gerar medo nxs que hoje combatem nas ruas , de qualquer maneira, pensamos que não se podem normalizar esse tipo de postura no momento de enfrentar uma prisão. Quando buscamos manter uma solidariedade ativa com pessoas encarceradas em consequência de suas lutas, mais além de ideologias , nos solidarizamos com xs que se colocam em uma postura rebelada frente sua condição, com xs que se reconhecem como inimigxs daquelxs que xs encarceram, e xs tratam como tal, sem conciliações. Xs acusadxs pelo caso do cinegrafista em todo momento demonstraram arrependimento, se colocaram como vítimas, além de estarem constantemente um apontando ao outro, em um abominável gesto de delação, situações como essa para nós não passam batido e nos parece importante ressaltar nossa repulsa a elas.

Acreditamos que fomentar uma cultura de rebelião também é propagar a prática de um determinado tipo de "ética" , isso é trazer pro dia a dia, aprofundar na vida pessoal determinados valores e práticas. A delação é históricamente um dos maiores inimigxs internxs de todo tipo de movimentação contrária ao sistema, e qualquer tipo de postura que remeta a isso para nós, necessita ser combatida, escrachada e evidenciada. Também tornar a solidariedade um valor de guerra, e romper completamente com essa noção esquerdista/cristã, que faz de uma suposta "inocência" o fator primordial para o exercício da solidariedade, destruir o isolamento dxs que enfrentam a prisão como consequência de sua luta.

Algum@s Anarquistas

Nota. retirado de cumplicidade.noblogs.org

RESENHAS

Autobiografia de um Irredutível – Claudio Lavazza

É com satisfação que multiplicamos na dita língua portuguesa as palavras deste companheiro anarquista italiano, atualmente preso nas masmorras do estado espanhol. Este livo é essencial a todxs que se identificam com a luta anarquista, não sendo pois uma verborréia retórica de pseudo-soluções para este mundo capital-fascista ou um amontoado de teorias organizativas inférteis. São as ideias e as práticas de um ser não-conformado com a rede de dominação, com seus erros e acertos, colocados no papel para compartilhar com outrxs companheirxs suas experiências desde os anos de chumbo na itália, passando pela ilegalidade na frança e sua prisão após frustrada tentativa de assalto a banco na espanha em 1996, aonde é detido e de dentro do cárcere mantém a luta e sua postura irredutível.

Várixs camaradas colaboraram com a tradução, revisão e impressão deste livro, cuja edição está nutrida com a correspondência que o autor manteve com compas envolvidxs nesta publicação. Lembramos que este ano Cláudio Lavazza completa 60 anos de vida, cujas palavras e atos são uma força para nós aqui separados pelas grades e pela distância, mas unidos pela batida dos corações rebeldes e insubmissos, inspirando-nos a atuar contra a normalidade e contra a apatia, pois um mundo de muros, grades e policiais, não é um mundo natural. Força guerreiro!

Na guerra Social Ninguém está só- Livro em solidariedade com o companheirx Henry Zegarrundo

O livreto, editado na primeira metade de 2013, reúne informações sobre o caso do companheiro Henry Zegarrundo e sobre o contexto em que estava inserido na Bolívia. Henry cai preso em consequência de um golpe repressivo em maio de 2012 em consequência de diversas ações reivindicadas por grupos de ação anarquistas vinculados a FAI/FRI. Em meio a traição dos plataformistas da OARS, e a colaboração de uns/umas quantxs mais, Henry se mantém firme em suas convicções e princípios anárquicos, rechaçando qualquer tipo de colaboração com xs vermes policiais. A publicação também traz algo de informação sobre o contexto das lutas na Bolívia e o os momentos onde passam a atuar esses grupos de ação anarquistas. Atualmente, depois de um ano na cadeia e quase um ano de prisão domiciliar, Henry se encontra com prisão domiciliar noturna, daqui nossos sinceros desejos de força ao companheiro!

Agenda Livro 2012. Prisão de Mulheres de Bouwer, Província de Córdoba, Argentina.

Esta agenda-livro foi elaborada em uma oficina dentro da prisão de Bouwe o ano de 2011. Ali escreveram e compilaram os textos, fizeram as capas com tecido e material reciclado e encadernaram as agendas. Cada mês está dedicado a um tema da vida entre grades. Quem participou da oficina, tinha suas senhas de cumplicidade para mudar de assunto quando as carcereiras entravam a invadir o espaço de reunião, e falar então das cores dos tecidos em vez de como expressar e difundir as situações extremas que supõe a vida na prisão, neste caso em uma das cadeias mais militarizadas do país, e criar laços de afinidade e solidariedade entre elas.

Ao ano seguinte não seguiram com as oficinas desse grupo e nunca mais voltaram. A desculpa foi um informe aberto à oficina de fotografia, na que as presas recriaram uma cama de sujeição; uma das formas de tortura que, ainda estando legalmente proibida, se seguem usando dentro da prisão com o sistema médico como aliado. Na farsa de justificar a tortura colocam as "camas" na enfermaria. As presas passam dias amarradas pelos pés, mãos e pescoço, e aplicando o que elas chamam "vozal farmacológico": comprimidos e qualquer substância química, para calar as vozes de rebeldia.

Elas nem sequer têm uma cópia da agenda aí dentro, sabem as represálias que implicam que as carrascas saibam que conservam a força de não se calarem e de difundir que o sistema carcerário significa diariamente: tortura física e psicológica, escravidão laboral e assassinatos por parte do serviço penitenciário. A sociedade e os governos (enquanto hasteiam a bandeira dos direitos humanos) sempre vão ocultar, porque a prisão é um dos pilares básicos do sistema opressor no qual a democracia baseia sua idéia de vida: inventar culpadxs para que aquelxs que contribuem obedientemente a qua a engrenagem funcione se sintam premiadxs com uma pseudo-liberdade que ainda agradece ter licença de viver exploradx por e para o Capital, devastando a Terra e em total miséria de movimentos e idéias. Quem não seja produtivx e se rebele será perseguidx.

Trancafiam os corpos e vão a por tudo por sua parte para calar as vozes. Assim passou a Florencia C. Cuellar, a "China", em outra das prisões do território dominado pelo estado argentino, Ezeiza, na província de Buenos Aires. Sua rebeldia não aceitava ser coagida sistematicamente, a mataram por que manifestava e expandia seu espírito anti-autoritário e de solidariedade entre as presas. Seu pai Alfredo Cuellar tampouco se calou e começou a difundí-lo, o sequestraram e espancaram em várias ocasiões. Se fizeram vários "escraches" ao Serviço Penitenciário Federal em Buenos Aires, em dezembro se cumpriram dois anos de sua morte.

Nenhuma reforma que melhore as condições dos cárceres vai modificar a tortura que implica viver na clausura nem tampouco a lógica autoritária e ditatorial do sistema em que vivemos. Só sua destruição total, a destruição da ditadura do Capital e domínio do Estado, podem abrir caminhos na procura de viver aproximando-se à liberdade. Estabelecer laços de comunicação e solidariedade, difusão de idéias e apoio mútuo, ainda mais com as pessoas encarceradas, são ferramentas de destruição dessas lógicas hegemônicas e incentivos para a subversão.

KATACLISMX

Publicação da Cruz Negra Anarquista - Porto Alegre
pela solidariedade com xs rebeldes e a expansão da revolta

Outono 2014 / Ano 1 / Nº 1

kataclismx@riseup.net
CONTRA-INFO:
cnapoa.noblogs.org
cumplicidade.noblogs.org
contrainfo.espiv.net
instintosalvage.noblogs.org
vivalaanarquia.espivblogs.net
publicacionrefractario.wordpress.com